

Sobre o filme *Nossas Noites*, e sobre o debate realizado no dia 30/10

O filme *Nossas noites* nos convida a pensar sobre a solidão, em especial sobre a solidão na velhice. A trama acontece em uma cidade pequena; as pessoas da vizinhança convivem anos, mas não se envolvem, não compartilham a intimidade. A personagem Eddie Moore, interpretada por Jane Fonda, viúva há décadas, decide convidar seu vizinho, Louis Waters, interpretado por Robert Redford para dormirem juntos na casa dela. Ela queria ter companhia, alguém para conversar, contar sobre os acontecimentos do dia. Sentia que precisava disso para conseguir dormir.

O vizinho hesita, mas termina por aceitar e eles vivem uma experiência transformadora. A potencialidade afetiva de ambos se atualiza na relação marcada pela ternura e pela solidariedade nos enfrentamentos dos problemas do cotidiano. Conseguem revisitar o passado sem julgamentos, o que dá profundidade ao vínculo que constroem.

No debate, conversamos sobre a atitude de Eddie; para algumas uma ousadia criativa, para outras algo impensável mesmo nos dias de hoje, quando a mulher já consegue viver sua sexualidade de forma muito mais livre. Refletimos também que talvez essa “coragem”, só fosse mesmo possível em uma idade mais avançada, por não trazer já de início, de forma implícita, o convite para um encontro de caráter sexual. O amadurecimento permite também a libertação do julgamento alheio.

Assim, fica a questão, precisamos envelhecer para nos libertarmos de preconceitos e censuras? A repressão à sexualidade feminina ainda nos limita?

Foi lembrado, no debate, que até Freud, contribuiu para este contexto repressivo quando questionou o prazer clitoridiano, defendendo que o amadurecimento da mulher implicaria em uma passagem para o gozo vaginal, o que, infelizmente pode ter dificultado a vida sexual de muitas mulheres.

As afirmações de Freud nesse sentido, deram-se no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905, revisões posteriores), e no texto *A Sexualidade Feminina*, (1931). Nestes textos ele diferencia a sexualidade infantil da sexualidade adulta.

Entende que na menina, o clitóris desempenharia o papel que o pênis teria no menino durante a infância, mas que na maturidade o centro do prazer deveria deslocar-se do clitóris para a vagina, acompanhando a transição da sexualidade infantil para a “feminina”. Afirmou que o desenvolvimento psicosssexual da mulher implicaria a renúncia ao clitóris como órgão dominante do prazer e a adoção da vagina como zona erógena principal, associada à maternidade e à feminilidade “completas”. Na atualidade esta afirmação não se sustenta nas teorias psicanalíticas e muito menos na vivência das mulheres.

Ainda na época em que foi formulada, foi duramente criticada por psicanalistas e escritoras como Karen Horney, Helene Deutsch, Simone de Beauvoir, e mais tarde por Lacan e Laplanche, que ressaltaram importância dos aspectos simbólicos e da alteridade na constituição subjetiva, e na sexualidade. Laplanche critica o que chamou de desvio biologizante de Freud, e defendeu uma posição feminina fundada na abertura para o outro.

Freud em sua tentativa de desvendar a essência do feminino também percorreu vários caminhos, entre eles o de imaginar a passividade como algo intrínseco ao feminino, versus a atividade que seria mais característica do masculino. Mas, viveu a tempo de perceber seus equívocos e por conta de sua liberdade e honestidade intelectual, de assumi-los, e conclui enfim que a feminilidade não poderia ser associada a passividade. Freud ia construindo e reconstruindo suas teorias a partir da clínica. Hoje dizemos que na verdade são muitos os Freud, dependendo do vértice de quem o lê, do contexto que ele vivia, e, também do olhar dos seus tradutores. Seus primeiros textos datam de 1906, sendo que os últimos foram de 1938.

Em 1933, nas “Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise”, formulou uma das perguntas mais célebres de toda a psicanálise: “A grande pergunta, à qual minha experiência de trinta anos de pesquisa sobre a alma feminina não conseguiu responder, é: o que quer uma mulher?”

Freud reconhece o feminino como enigma — não apenas um objeto de estudo, mas algo que desafia os limites do saber psicanalítico. Nessa formulação no final de sua obra, dá continuidade a uma linha de pensamento revelada em outros escritos.

Em “O interesse científico da psicanálise” (1913), ele afirma:

“Os poetas foram sempre os precursores da ciência psicológica. O que nós, psicanalistas, descobrimos com esforço, eles o sabiam desde sempre, por intuição.” Por isso, a frase é frequentemente condensada como: “Quem quiser conhecer a sexualidade humana, que leia os poetas.” Freud situa, assim, a poesia e a arte como fontes de saber sobre o desejo —

lugares em que o inconsciente se expressa de modo mais verdadeiro do que na teoria.

Em “A questão da análise leiga” (1926), Freud reconhece que há um limite intransponível no saber sobre o feminino — um 'continente negro', uma pergunta sem resposta e um espaço que talvez apenas a arte possa tocar.

Na psicanálise contemporânea, não se busca a essência do feminino. Reconhecemos que não é possível descrever “a mulher”. Somos singulares, diversas e múltiplas.

Dando continuidade a estória do filme, Eddie decidiu viver com seu filho e cuidar de seu neto. Em meu entendimento, não o fez pelas cobranças nem por culpas. A partir da experiência com seu companheiro, conectou-se com sua afetividade, e, prevaleceu o sentimento de vó, e de mãe preocupada com o filho. Pode tomar a iniciativa de iniciar a relação com Louis e a de se afastar. E, o que o filme nos deixa entrever, é que foi apenas uma pausa; e, que as noites, apesar da distância, não mais seriam solitárias...